

# O CONGRESSO

A era da esperteza é abalada pela exigência dos novos tempos: a ética na política

Ricardo Lessa

Atenas, capital da Grécia, é muito diferente de Brasília. Lá, inventaram a democracia. Aqui, já tentaram desinventá-la algumas vezes.

No quarto século a.C., Aristóteles e Platão costumavam passear pelas proximidades do Areópago (espécie de congresso da época).

Não se sabe se eles falavam mal dos arcontes (deputados de então), mas um dos assuntos principais de suas conversas era ética e política.

Passados 2.300 anos, ética e política são as principais preocupações de um pedaço do mundo, desconhecido de Aristóteles e Platão.

A população dessa terra batizada Brasil não anda nada satisfeita com os representantes que escolheu, os políticos, e exige que eles se comportem com mais ética.

## Imagem e história

Na Grécia antiga, Aristóteles chegou à conclusão de que a política vinha acima da ética, porque política implicava na relação entre os homens na polis (cidade), enquanto a ética dizia respeito à ação individual.

No Brasil, os eleitores decidiram que a ética vem antes da política. Se não, os políticos não exercem a representação como devem.

A instituição que abriga os representantes dos brasileiros, o Congresso Nacional, não vem merecendo adjetivos muito lisonjeiros nos últimos tempos.

Os humoristas, que costumam interpretar bem o sentimento do povo, gostam de desenhar virado para cima o prato do Congresso — que representa a Câmara dos Deputados — como latrina.

Isso acontece pouco tempo depois de o Congresso ter sido exaltado pela sua decisão de mandar para casa um presidente acusado de corrupção.

Não é necessário invocar os gênios de Aristóteles e Platão para explicar as razões desse baixo prestígio da instituição diante daqueles que a criaram.

O historiador José Cândido de Carvalho culpa o regime militar pela atual onda de impopularidade do Congresso.

“Os militares mantiveram durante a maior parte do tempo o Congresso aberto, sob controle e violentado, mas aberto, como uma fachada de democracia, isso contribuiu para sua desmoralização”, afirma.

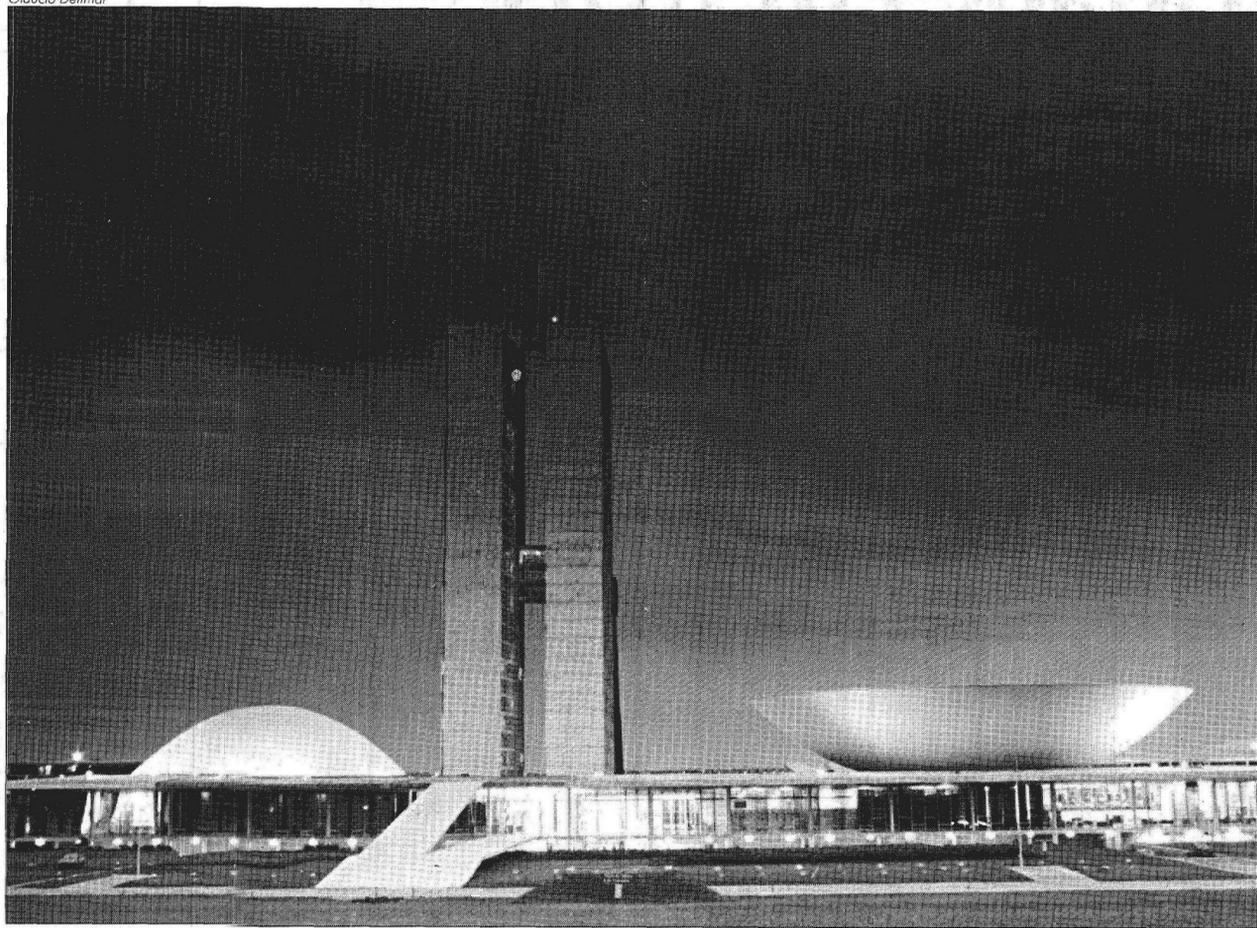
## Tempo de cassação

Isso não impediu que os militares editassem 17 atos institucionais, cassando e aposentando centenas de pessoas, inclusive o atual presidente da república.

Sempre que a Oposição ameaçava a maioria situacionista no Congresso, nova lista de cassações era anunciada.

Embora mantendo os rituais de posse no Congresso, os militares o

Glauco Dettmar



## O POVO E SUA CASA

População Brasileira	
1960	70,19 Milhões
1990	147,30 Milhões

Congresso - área	
1960	Cerca de 10 Mil m <sup>2</sup> *
1990	285 mil m <sup>2</sup>

\* Áreas somadas dos Palácios Monroe (Senado) e Tiradentes (Câmara)

## CONGRESSO NACIONAL

SENADO	CÂMARA
81 Senadores	513 Deputados
4.710 funcionários	9.200 funcionários
R\$ 280 milhões (despesa 94)	R\$ 278 milhões (despesa 94)
150 mil m <sup>2</sup> área construída	135 mil m <sup>2</sup> área construída

Dados do SIAF

## DESPESAS EM 1994

LEGISLATIVO	R\$ 556.238.730,00
TOTAL DA UNIÃO	R\$ 175.565.418.591,30

fecharam três vezes, sendo que, depois do AI-5, por quase um ano.

O presidente do Congresso, Humberto Lucena, que vem sendo malhado mais do que Judas em Sexta-feira Santa — hábito que ainda não existia entre os gregos — concorda com a tese de José Murilo de Carvalho.

Ele lembra que foi o próprio presidente do Congresso na época, Auro Moura Andrade, que declarou a vacância da presidência, o que proporcionava uma desculpa legal para os militares assumirem o controle da situação.

“Nós esperávamos que ele apresentasse um projeto para a aprovação da Câmara, mas ele

nos surpreendeu. Disse que declarava vaga a presidência e deu por encerrada a sessão”, recorda.

O presidente da Câmara, Inocêncio de Oliveira, tem outra tese. Ele acha que a opinião pública ataca o Congresso por pura ignorância.

“O povo acha que o Congresso é o plenário, mas não sabe o que acontece nas Comissões, o que os

parlamentares fazem de contato com seus eleitores”, teoriza Inocêncio.

O médico de Serra Talhada que virou presidente da Câmara acha que o próximo Congresso será melhor.

“Os deputados foram eleitos num novo clima, no tempo da ética na política”, afirma.

O senador João França (PP-

RR), que foi pedreiro, garimpeiro, alfaiate e balconista e não passou da sexta série do primeiro grau, discorda de Inocêncio e traduz em linguagem simples o que entende por ética na política.

“A maioria dos políticos só pensa em si próprios”, constata ele, depois de quatro anos de experiência no Senado.

Boa parte dos eleitores concordaria sem dificuldade com França, mas essa impressão nem sempre é verdadeira.

“No Congresso tem de tudo”, diz uma célebre frase do ex-deputado José Bonifácio de Andrada, já falecido. “Só não tem bobo”, completava ele.

O deputado Delfim Netto (PPR-SP), outro frasista incorrigível, garante que os mais bobos do Congresso “enfiam linha em agulha com luva de boxe”.

Essa esperteza foi usada, por exemplo, pelo deputado Paulo Paim, na semana passada, quando se aproveitou da distração dos deputados governistas, que não pediram verificação de quorum, para aprovar seu projeto de aumento do salário mínimo para R\$ 100,00.

Com menos esperteza do que persistência, o senador Nelson Carneiro, veterano combatente pelos direitos das mulheres, souou 47 anos para aprovar o projeto que garante alimentação para as companheiras.

## Leis que valem

Carneiro, aos 84 anos, irá para casa este ano, aposentado pelas urnas, sem sinais exteriores de riqueza, depois de ter feito leis que mudaram a vida do país, como a lei do divórcio e as leis que reconhecem a companheira como esposa.

Não se pode dizer que é um político que “tenha pensado mais em si próprio”. Nem por isso foi premiado pelos eleitores.

Ele recorda que, quando a Câmara funcionava no Palácio Tiradentes, no Centro do Rio, os deputados nem tinham gabinetes. Atendiam os eleitores no cafezinho e no hall de entrada.

“Foi uma pena. Perdemos muito com a mudança para Brasília, perdemos o contato com o povo, quando a capital era o Rio”, lamenta o senador baiano, que encerra agora sua 11ª legislatura.

## O CONGRESSO É...



...o lugar onde deviam cuidar da gente, mas só cuidam deles.

Ilza Carlos, professora na Ceilândia



...o elo mais fraco da democracia brasileira.

José Murilo de Carvalho, historiador



...onde nascem os destinos do país.

João França, pedreiro e senador



...o retrato do povo brasileiro, com seus altos e baixos.

Humberto Lucena, presidente do Congresso



...o poder mais transparente e mais intimamente ligado ao povo.

Inocêncio de Oliveira, presidente da Câmara